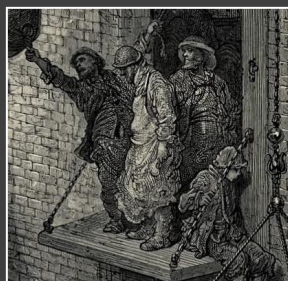


AINDA PARA UM ESQUEMA DE ANTONIO CANDIDO

STILL TOWARDS AN ANTONIO CANDIDO'S SCHEME

DOSSIÊ: O REALISMO E SUA ATUALIDADE

25 anos de Crítica Dialética na UnB



ORGANIZADORES:

Alexandre Pilati



Deane de Castro e Costa



Martín Ignacio Koval



CERRADOS

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM

v. 34, n. 68, ago. 2025

Brasília, DF

ISSN 1982-9701



10.26512/cerrados.v34i68.57522

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submetido em: 14/03/2025

Aceito em: 30/05/2025

DISTRIBUÍDO SOB



Filipe de Freitas Gonçalves  

UFMG | lipe.ton.fr@gmail.com

Resumo / Abstract

O ensaio procura entender as alterações operadas por Antonio Candido entre a escrita da *Formação da Literatura Brasileira* e seus ensaios da maturidade, especialmente “Dialética da Malandragem” e “De cortiço a cortiço”. Para isso, o texto se inicia com a comparação entre os comentários do autor na obra de 1959 sobre o Naturalismo e os compara com o ensaio sobre *O Cortiço*, escrito algumas décadas depois. O intuito é mostrar que as alterações de abordagem não são apenas em relação ao movimento específico, mas de perspectiva teórica geral. Para compreender o significado histórico dessa alteração, procura-se comparar os dois ensaios da maturidade, tentando entender como, no conjunto, pode-se entrever o crítico tentando analisar a sociedade brasileira a partir dos problemas surgidos com a Ditadura Militar. A hipótese que se apresenta, nesse sentido, é que a alteração de abordagem tem um rendimento específico na compreensão da sociedade brasileira, isto é, só se realiza em suas potencialidades quando conjugada com o contexto histórico que lhe dá corpo.

Palavras-chave: Antonio Candido, trabalho, Ditadura Militar, dialética.

This essay seeks to understand the changes that Antonio Candido made between *Formação da Literatura Brasileira* and his essays in his later years, especially “Dialética da Malandragem” and “De cortiço a cortiço”. To this end, the text begins by comparing the author’s comments in his 1959 work on Naturalism and comparing them with his essay on *O Cortiço*, written a few decades later. The aim is to show that the changes in approach are not only related to the specific movement, but also to the general theoretical perspective. To understand the historical significance of this change, the article seeks to compare the two essays from his later years, trying to understand how, as a whole, one can glimpse the critic attempting to analyze Brazilian society based on the problems that arose with the Military Dictatorship. The hypothesis that is presented, in this sense, is that the change in approach has a specific yield in the understanding of Brazilian society, that is, it only realizes its potential when combined with the historical context that gives it shape.

Keywords: Antonio Candido, work, Military Dictatorship, dialectics.

DOIS NATURALISMOS

Embora tenha ficado mais conhecida a avaliação de Antonio Candido sobre o Naturalismo a partir de seu ensaio “De Cortiço a Cortiço”, há, na *Formação da Literatura Brasileira* (a partir de agora, referida apenas como FLB), comentários instigantes sobre o movimento. Como se sabe, o livro de 1959 termina na década de 1870, deixando como horizonte e ponto de fuga a finalização do processo formativo pela obra de Machado, uma vez que nela teríamos o aproveitamento superador da tradição romântica e o adensamento psicológico necessário à maturidade do romance. Mas o Naturalismo também está nesse ponto de fuga, de forma algo incômoda:

Há [*no romance*] uma espécie de proporção áurea, um “número de ouro”, obtido pelo ajustamento ideal entre a forma literária e o problema humano que ela exprime. No Romantismo, o afastamento dessa posição ideal se faz na direção e em favor da poesia; mais tarde, no Naturalismo, far-se-ia na direção da ciência e do jornalismo. Tanto num quanto noutro porém, permanece o esteio da verossimilhança e, mais fundo, a disposição comum de sugerir certo determinismo nos atos e pensamentos do personagem. A insistência dos naturalistas no determinismo inspirado pelas ciências naturais não nos deve fazer esquecer o dos românticos, de inspiração histórica. Com matizes mais ou menos acentuado de fatalismo, uns e outros se aplicavam em mostrar os diferentes modos por que a ação e o sentimento dos homens eram causados pelo meio, pelos antecedentes, a paixão ou o organismo. Daí um *realismo* dos românticos, que apenas seria desnorteante se não lhe correspondesse um patente *romantismo* dos naturalistas, para fazer da ficção literária no século XIX, e da brasileira em particular, um conjunto mais coeso do que se poderia supor à primeira vista (Candido, 2013, p. 430-431).

Mais significativa é, no entanto, uma pequena afirmação que se segue algumas páginas depois:

Significativa, com efeito, é a circunstância do romance post-romântico haver renegado o trabalho admirável de Alencar, não falando nas duas excelentes realizações isoladas que foram as *Memórias de um Sargento de Milícia* e *Inocência*, para inspirar-se em Zola e Eça de Queirós. A consequência foi que os nossos naturalistas, com a exceção de Raul Pompei e Adolfo Caminha, caíram nos mesmos erros românticos (sobretudo Aluísio de Azevedo) sem aproveitar a sua lição (Candido, 2013, p. 436).

Há dois movimentos importantes nas duas avaliações. O primeiro é considerar que o Naturalismo não é uma espécie de raio em céu aberto: pelo contrário, ele continua tendências já encontradas no interior do Romantismo e se iguala a ele numa espécie de movimento geral do século, caracterizado pela procura de explicações para o comportamento humano em esferas que o determinariam. Para os românticos, essa esfera estaria na história; para os naturalistas, nas ciências naturais. Nos dois casos, trata-se de um distanciamento em relação à “proporção áurea” que caracterizaria idealmente o romance. O segundo, numa relação tensa com o primeiro movimento, é considerar que os autores do nosso Naturalismo repetiram um ato comum à nossa vida intelectual e preferiram continuar a inspirar-se na nova escola europeia então em voga ao invés de aprofundar as experiências produtivas de nosso Romantismo, o que os teria levado, então — e em especial Aluísio de Azevedo — a repetir os erros dos românticos.

Como é comum na FLB, o juízo crítico de Candido está sempre em movimento, o que o torna tão capaz de captar seus objetos em sua processualidade histórica — objetivo último de um livro de inspiração historiográfica. Nesse ponto, vemos o mesmo elemento interpretado de duas maneiras diferentes: no primeiro caso, a continuidade entre românticos e naturalistas é vista como um elemento de unificação de nossa vida intelectual; no segundo caso, essa mesma continuidade é vista em chave negativa, como permanência incapaz de superar limites constitutivos da forma anterior. O distanciamento em relação ao “número de ouro” do romance é espelhado no início nos dois

casos; depois, a continuidade resulta em erro. A consideração específica do erro referido também passa por uma avaliação em movimento: primeiro, considera-se a justeza da influência estrangeira nos autores do período romântico, uma vez que ela estaria contrabalançada pelo senso de realismo que impediria uma espécie de transplantação sem adaptação; depois, esse mesmo realismo, considerado de um ponto de vista positivo, é visto como aspecto negativo para nosso desenvolvimento histórico-literário: “a objetividade amarrou o escritor à representação de um meio pouco estimulante” (Candido, 2013, p. 436).

No seu ensaio mais famoso sobre o Naturalismo, Candido opta, como é de se esperar, por uma abordagem muito diversa. O ensaio possui muitos níveis e parece estar construído por um acúmulo de camadas que se sobrepõem e vão intensificando a compreensão do romance. O que primeiro chama a atenção é o fato de que, agora, a compreensão sobre Azevedo parece ter se alterado. Dito de forma simples, sua relação com o modelo europeu, que antes era um elemento que pesava contra o autor, transformou-se em um de seus trunfos. O argumento é clássico e não precisa ser citado: impor-se-ia entre o modelo tomado de Zola e o romance de Azevedo a realidade social brasileira, que produziria uma série de torções inevitáveis da forma. A primeira seria a reunião, num mesmo universo narrativo, de elementos dispersos pelos romances de Zola; a segunda seria o caráter cruento das descrições sexuais, sintetizado num dito exemplar: “Quando a Europa diz ‘mata’, o Brasil diz ‘esfola’” (Candido, 2023a, p. 147). A relação com o Romantismo também se alterará nesse segundo texto: se antes o Naturalismo — e em especial Azevedo — apenas repetiriam os erros dos românticos, agora o enredo é portador de uma novidade significativa no interior da cultura brasileira: “Aluísio foi, salvo erro meu, o primeiro dos nossos romancistas a descrever minuciosamente o mecanismo de formação da riqueza individual” (Candido, 2023a, p. 130, grifo meu). A acumulação seria, para Candido, “tomada pela primeira vez no Brasil como eixo da composição ficcional” (Candido, 2023a, p. 131, grifo meu).

A diferença não está realizada apenas nesses elementos mais imediatos da avaliação, mas se encontra no enquadramento mais geral que o problema assumirá: em vez de procurar mostrar o movimento que caracteriza a presença histórica da obra no encadeamento da cultura brasileira — o que, em última instância, era o objetivo dos poucos comentários feitos na FLB —, o crítico procura, *mantendo o juízo em movimento*, mostrar as contradições nacionais no interior de uma obra específica. Dito de forma simples, a noção de um *juízo crítico em movimento* que o caracterizaria nos dois casos estaria a serviço de objetivos diversos: no primeiro, entender o significado multivalente de uma obra, um autor ou um movimento no interior do desenvolvimento da cultura brasileira¹; no segundo, entender a formalização artística de uma série de elementos da vida nacional numa única peça artística. A questão ainda poderia ser colocada da seguinte maneira: em FLB, as obras são captadas em seu movimento percebido pelo conjunto do sequenciamento; em “De cortiço a cortiço” (e em outros ensaios da maturidade, em especial “Dialética da Malandragem”), a obra pode estar parada diante de nós que o ato dissecador do analista faz com que ela se movimente internamente.

Vejamos um momento luminoso desse movimento interno:

No Brasil, quero dizer, n’*O Cortiço*, o mestiço é capitoso, sensual, irrequieto, fermento de dissolução que justifica todas as transgressões e constitui em face do europeu um perigo e uma tentação. Por isso, não espanta que João Romão encarasse e manipulasse essa massa inquietadora com o desprezo utilitarista dos homens superiores de outra cepa. Por que então apresentá-lo de maneira tão acerba? Por que mostrar nele um explorador abusivo se a sua matéria primeira era a caterva desprezível? Essa contradição do livro é a própria contradição do Naturalismo (Candido, 2023a, p. 139).

O movimento interno é captado em seu caráter contraditório. É como se pudéssemos ler o romance duas vezes, de dois pontos de vista que se contradizem, mas que, apesar disso, convivem na fatura da obra: de um lado, há a justificação para ação brutal de João Romão que toma o mestiço co-

1 No “Prefácio da 6ª edição”, Candido (2013, p. 21) diz que a obra “não é uma justaposição de ensaios, mas uma tentativa de correlacionar as partes em função de pressupostos e hipóteses, desenvolvidos com vistas à coerência do todo”.

mo massa desprezível para seu enriquecimento; por outro lado, no entanto, a ação do português não está figurada dessa maneira, mas como ato de brutalidade. A contradição, então, se configura na seguinte chave: a brutalidade está plenamente justificada, mas, ainda assim, será representada como brutalidade, o que lhe dá o caráter de algo injustificável. Trata-se de um movimento complexo que o crítico observa no interior do romance e que coloca em evidência uma visão matizada e multivalente da estruturação da obra, que, em última instância, recolhe para dentro de sua forma um movimento que seria da vida nacional. O Naturalismo deixa de ser um movimento literário e passa a ser um problema interno da obra, transformando-se, assim, em questão que concerne à vida social. Ora, no comentário desabonador da FLB, o problema também era social (e, a rigor, era ainda o mesmo problema: a relação entre a realidade nacional — a brutalidade — e o modelo europeu — a justificativa cientificista da brutalidade), mas está apresentado em sentido inverso ao que encontramos no ensaio posterior: a avaliação visava captar, de modo dialético, a posição do Naturalismo no desenvolvimento da cultura brasileira; agora, o caráter contraditório da cultura brasileira aparece como substrato formalizador de uma obra específica.

Essa diferença de abordagem teórica está praticamente evidenciada quando se compara trechos significativos dos dois estudos. Logo no início de seu ensaio sobre *O Cortiço*, o crítico nos diz:

Mas nós sabemos que, embora filha do mundo, a obra é um mundo, e que convém antes de tudo pesquisar nela mesma as razões que a sustentam como tal. A sua *razão* é a disposição dos núcleos de significado, formando uma combinação *sui generis*, que se for determinada pela análise pode ser traduzida num enunciado exemplar. (Candido, 2023a, p. 123, grifo do autor).

O que o interessa, portanto, é “a singularidade da fórmula segundo a qual [*o mundo*] é transformado no mundo novo, que dá a ilusão de bastar a si mesmo” (Candido, 2023a, p. 124). O interesse é compreender um problema social transformado na “razão” de uma obra, e a solução encontrada será sempre singular: de obra para obra, essa razão se altera e a solução crítica precisa acompanhar a alteração de seu objeto. Na famosa “Introdução” da FLB, lemos:

Em um livro de crítica, mas escrito do ponto de vista histórico, como este, as obras não podem aparecer em si, na autonomia que manifestam, quando abstraímos as circunstâncias enumeradas; aparecem, por força da perspectiva escolhida, integrando em dado momento um sistema articulado e, ao influir sobre a elaboração de outras, formando, no tempo, uma tradição (Candido, 2013, p. 26).

A perspectiva não poderia ser mais diferente. As obras não serão pensadas a partir da abstração de seus elementos circunstanciais, mas dentro do desenvolvimento de uma tradição, o que significa pensá-las em relação umas com as outras. O que interessa não é mais a *razão* da obra, mas, usando ainda a linguagem matemática aproximativa, sua *proporção* alcançada no conjunto. O conjunto, agora, não é simplesmente uma relação de filiação entre textos individuais, mas a formação de uma tradição, que, se implica a consideração de tal tipo de relação, a transcende pelo salto que a natureza do conjunto pretende dar. O que está se colocando para nós é que a alteração do juízo crítico do Naturalismo não é simplesmente uma espécie de mudança da avaliação, mas está inserida num conjunto maior de transformações críticas que vale a pena investigar.

O SIGNIFICADO HISTÓRICO DA ALTERAÇÃO

O ensaio sobre Basílio da Gama — uma das primeiras aparições do novo método na obra de nosso autor — é escrito para uma edição comemorativa na década de 1960, como ele nos informa na “Nota sobre os textos” (Candido, 2023b, p. 9). Roberto Schwarz (1987, p. 154) informa que “Dialética da Malandragem” provavelmente foi escrito entre 1964 e o AI-5. “De cortiço a cortiço” foi escrito e reescrito na década de 1970, sendo a primeira versão do texto, intitulada “A passagem do dois ao três”, publicado na Revista de História, da USP, e uma outra versão, intitulada “Literatura — Sociologia”, uma palestra de 1975 (Dantas, 2002, p. 19). Os dois ensaios foram depois publicados na década de 1990 no livro *O discurso e a cidade*. Nos últimos textos, a mudança metodológica que observamos

assume rendimento propriamente histórico e passam a veicular um determinado conteúdo social. Sua comparação pode ajudar não apenas a entender duas formas relacionadas, mas distintas de se aproximar da literatura, como também a mapear uma alteração fundamental na vida intelectual brasileira efetivada na obra de Candido. A mudança se dá em torno do golpe de 1964.

Salvo engano meu, a FLB lida com o Brasil como uma estrutura sem classes. Quando diz na primeira frase da “Introdução” que irá estudar a “formação da literatura brasileira como síntese de tendências particularistas e universalistas”, Candido (2013, p. 25) toma a “literatura brasileira” como um ser entificado, da família do “Brasil”, também entendido como ser pronto e acabado. Seu livro procura estudar o vir-a-ser desse ente ao longo de dois séculos; apesar disso, o “Brasil”, o “brasileiro” e a “literatura brasileira” serão sempre tomados como um ser mais ou menos homogêneo que, no entanto, está caracterizado pelo conflito entre as duas tendências. Essa leitura pode parecer estranha a um trabalho que se debruça exatamente sobre a “formação”, mas note-se que o processo tem como linha do horizonte uma “síntese”. A “literatura brasileira” é a síntese desse conjunto complexo de tendências, e seu processo de “formação” será historiado do ponto de vista de sua resolução. Mais à frente ele diz que o livro conta a “história dos brasileiros no seu desejo de ter uma literatura” (Candido, 2013, p. 27). O “brasileiro” é um ser desprovido de classe: figura geral que está relacionada ao país, ele é homogêneo.

A conclusão algo óbvia é que o processo que se irá historiar é o do desejo dos brasileiros *de classe dominante* de ter uma literatura. O que se descreverá ao longo do livro é parte do longo processo de uma *determinada* classe dominante de constituir para si — ou de adaptar para suas necessidades *específicas* — um aparato cultural que sirva a seus *interesses*. Em textos posteriores, Candido chama a atenção para o elemento de imposição de classe peculiar à literatura brasileira colonial, dizendo, por exemplo, que uma das funções da “literatura culta” no período era “impor a língua portuguesa e registrá-la em escritos que ficassem como marcos, ressaltando a sua dignidade de idioma dos senhores”. No mesmo texto, algumas linhas depois, ele fala que essa literatura serviu como “dominação linguística, aspecto da dominação política, no qual a literatura, repito, desempenhou papel importante” (Candido, 2023c, p. 19). Em outro texto posterior à FLB, “Literatura de dois Gumes”, Candido (1989, p. 165, grifo do autor) diz explicitamente:

[...] no Brasil a literatura foi de tal modo expressão da cultura do colonizador, e depois do colono europeizado, herdeiro dos seus valores e candidato à sua posição de domínio, que serviu às vezes violentamente para impor tais valores, contra as solicitações a princípio poderosas das culturas *primitivas* que os cercavam de todos os lados. Uma literatura, pois, que do ângulo político pode ser encarada como peça eficiente do processo colonizador.

Esse caráter de dominação política, que aparece então de forma explícita, refere-se ao período colonial, e se poderia traçar o argumento do Autor no seguinte modelo: ao ser transformado em elemento importante da formação da nacionalidade por meio da formação de uma literatura brasileira, esse caráter de imposição e domínio cultural foi transformado em fermento positivo e emancipatório do país no momento posterior. É essa dualidade que parece estar explicitada em “Literatura de dois gumes”, quando o autor interpreta o conjunto do problema pela dualidade entre imposição e adaptação: ao mesmo tempo em que se impunha modelos culturais que serviam aos interesses das classes dominantes, esses modelos iam sendo adaptados para a expressão de interesses nativos que, em última instância, culminaram no processo da Independência, tanto a política quanto a literária.

Ora, o que a exposição do argumento nesses termos evidencia ainda mais é o fato de que o processo formativo é, ele próprio, de classe dominante. Trata-se dos interesses do “colono europeizado” para a formação da nacionalidade em literatura. O essencial para nosso argumento, no entanto, é que, na FLB, não há a explicitação dessa clivagem de classe que se transformará em parte importante de seu argumento. Lá, o projeto nacional não é propriamente descrito como o do “colono europeizado” que passa a ser identificado com o “brasileiro”: pelo contrário, o apagamento do dado de especificação social é essencial para a maneira como o argumento se apresenta. Ali, o que importa é o caráter emancipador do processo: formar um sistema literário é visto, sempre, como uma conquista civilizatória de importância para o desenvolvimento da consciência nacional. Dito ainda de outra forma: em

1959, o projeto da classe dominante é visto em chave positiva; nos textos posteriores a que nos referimos, o caráter positivo do processo ainda aparece, mas ele está matizado pelo sentido propriamente de classe dos acontecimentos. Não há mudança significativa de perspectiva, mas uma espécie de intensificação dos matizes.

A diferença fundamental está nos grandes ensaios da segunda maneira do autor, aqueles em que a procura pelo “princípio estrutural” se efetivará: “Dialética da Malandragem” e “De cortiço a cortiço”. O que logo surpreende o leitor é que esses ensaios não estão mais interessados no processo formativo, ou, para usar a linguagem que estabelecemos antes, na *proporção entre as obras*, mas na *razão das obras*. Não há em nenhum dos dois ensaios o impulso historiográfico que havia antes e que continuará a existir em outros textos, o que não significa dizer que não haja interesse histórico ou matéria histórica no sentido das transformações sociais do país vistas ao longo do tempo. Logo de início, os dois textos estão profundamente interessados em estruturas de classe que aparecem formalizadas nas respectivas obras. No caso de *Memórias de um Sargento de Milícias* estamos diante de um setor médio da sociedade que expelle de si o mundo do trabalho, o que culmina no que o autor chama de dialética da ordem e da desordem, o princípio estrutural do romance; no caso de *O Cortiço*, o mundo do trabalho está no centro da representação da constituição de uma fortuna, a partir do enfoque narrativo tão bem elucidado pelo ensaísta, e culminando na formulação da dialética do dirigido e do espontâneo. Nos dois casos, continua a aparecer a figura do “brasileiro”, mas, agora, ele está embebido em classe social e cada movimento seu — seja como enfoque narrativo, seja como personagem, seja como visão alternativa de mundo — revela sua posição de classe específica.

A “dialética da ordem e da desordem” e a “dialética do dirigido e do espontâneo” sistematizam duas formas específicas de uma determinada classe social se expressar na literatura. Descrevendo o “mundo sem culpa”, ele nos diz:

Lá não se trabalha, não se passa necessidade, tudo se remedeia. Na sociedade parasitária e indolente, que era a dos homens livres do Brasil de então, haveria muito disto, graças à brutalidade do trabalho escravo, que o autor elide junto com outras formas de violência (Candido, 2023d, p. 53).

O ponto de vista que enforma essa sociabilidade meio folclórica é o da classe social média do “brasileiro nato” que tira de seu horizonte o universo do trabalho. Esse mesmo sujeito é o que assume a voz narrativa no romance naturalista analisado no ensaio posterior, mas agora sua realização está longe do mundo sem culpa que entrevemos no romance de Almeida. Agora o que teremos é uma “visão popular e ressentida de freguês endividado de empório”, consubstanciada no dito dos três pês. Nesse novo universo, temos a “dialética do espontâneo e do dirigido” que exprime, na verdade, a ação “racionalizadora, o projeto de acumulação monetária do português” (Candido, 2023a, p. 136). Na comparação final que faz entre os dois ensaios, ele diz que “n’*O Cortiço* está presente o mundo do trabalho, do livro, da competição, da exploração econômica visível, que dissolvem a fábula e sua intemporalidade. Por isso falei aqui em jogo do espontâneo e do dirigido” e, logo depois, nos informa que esses termos devem ser vistos como “momentos de um processo que sintetiza os elementos antitéticos” (Candido, 2023a, p. 150).

O interesse do crítico passa a ser, portanto, *as maneiras como as dinâmicas do trabalho produzem visões de mundo na sociedade brasileira*. Essas visões parecem surgir do ponto de vista de uma mesma classe social em dois momentos distintos de sua história e, por isso, revelam um processo de desenvolvimento desta classe². No primeiro caso, o universo em que ordem e desordem convivem

2 Essa hipótese já foi aventada por Roberto Schwarz (1999, p. 51-52) em sentido correlato ao que estamos propondo aqui, sem dela tirar as consequências que estamos apontando: “O confronto cria um espaço de diferenças poderosamente sugestivas, entre, por exemplo, o significado sobretudo social da pobreza em Zola [...] e seu significado mais alegórico-nacional em Aluísio [...]; ou entre a dialética de ordem e desordem num universo quase sem trabalho, como é o caso no *Sargento de Milícias*, e a dialética do espontâneo e do dirigido num mundo comanda por lucro, trabalho e competição, como é o caso n’*O Cortiço*. Antes de entrarem em comparação, estes termos foram especificados com rigor pelas estruturas literárias e pela história de que fazem parte, de sorte que a sua aproximação não coloca em presença traços isolados, mas universos complexos e inteiros. Naturalmente não cabe aqui adivinhar um livro em preparação, mas parece claro que esses ensaios, ao mesmo tempo que individualizam ao máximo os seus objetos de análise, têm a ideia de os colocar em constelação solta, de forma a sugerir perspectivas no espaço heterogêneo correspondente”. Note-se como a caracterização da relação (“constelação solta”, “espaço heterogêneo”) aponta logo para a diferença de perspectiva em relação à FLB: ali a constelação não pode ser solta e o espaço precisa ser homogêneo.

indeterminadamente num mundo folcloricamente idealizado; no segundo caso, espontâneo e dirigido são dois momentos temporalmente discerníveis, mas implicados, de um processo histórico que se desdobra no tempo. O primeiro, escrito num momento em que o trabalho escravo reinava algo incontestado na sociedade brasileira, vislumbra a possibilidade de uma sociedade sem a castração ordenadora e dirigida da atividade do capitalismo industrial; o segundo, escrito num momento em que as discussões sobre a transição do trabalho escravo para o livre estão na ordem do dia, expressa a ambiguidade do “brasileiro nato” em relação à generalização do trabalho na vida social. Por debaixo de amontoados de ideologia nos dois casos, o que Candido parece entrever, quando se lê os dois ensaios em conjunto, são reações correlatas, mas diferentes ao processo de proletarianização da sociedade brasileira. No caso do segundo ensaio, a potencialidade criadora do “mundo sem culpa”, que continua a existir pela via do abasileiramento de Jerônimo, está já subjugada pela força ideológica de um narrador (contraditório, é verdade) que incorpora a linguagem do elogio ao trabalho ordenado pela crítica, racialmente interpretada, à entrada de Jerônimo no mundo sem culpa. Na fatura geral, teríamos, portanto, no segundo caso, uma espécie de encruzilhada história, uma vez que o mesmo polo elogiado é, em outros níveis, também criticado pela ação desumanizante de João Romão em relação a Bertoleza.

CONCLUSÃO: PERGUNTAS

Voltemos ao ponto principal: o estava em questão na FLB era antes o *aburguesamento* das classes dominantes, expresso na relação conflituosa, mas produtiva, entre tendências universalistas e particularistas; o que está em questão agora são as dinâmicas de *proletarianização* das classes médias pobres da sociedade brasileira, expressas na sobreposição da “dialética da ordem e da desordem” e na “dialética do espontâneo e do dirigido”. A mudança de método vem acompanhada, portanto, a uma mudança significativa de conteúdo. A visão resultante dos dois processos é também distinta: no caso do aburguesamento, mesmo que com as distorções necessárias, ele encontra seu termo em Machado de Assis; no caso da proletarianização, não há mais termo ou horizonte, em parte pela alteração do próprio método da análise e, em parte, pelo conteúdo mesmo do processo histórico. A FLB entrevê um momento emancipatório no processo de constituição de nosso sistema literário e encara o próprio sistema como uma conquista geral; os ensaios posteriores olham para a modernização do ponto de vista de seu travamento emancipatório nas dinâmicas reais do trabalho.

Não parece ser aleatório que a alteração que estamos tentando mapear na obra de Candido se dê exatamente em torno do golpe de 1964 e da implementação do regime militar. Trata-se, afinal, do momento em que o processo de proletarianização será levado a cabo por intermédio de um Estado terrorista e autoritário que impõe a lógica capitalista a setores cada vez mais abrangentes da sociedade brasileira (ver Netto, 2014; Rodrigues, 2009). Não se trata de um processo novo, mas da resolução histórica de uma dinâmica que se inicia no pós-Abolição (ver Costa, 2010, p. 503-514; Bastide e Fernandes, 2008) e encontra na Ditadura seu fecho histórico. A mudança de método tem algo a dizer, portanto, sobre o conteúdo ele mesmo que agora passa a ser o objeto da análise — ou, dito ao contrário, e de forma mais precisa: é a mudança do conteúdo que implica, *necessariamente*, uma alteração metodológica. O que os ensaios da maturidade parecem sugerir é que uma história das concepções de mundo dos de baixo no caminho de sua proletarianização não constitui, exatamente, uma relação proporcional, ou seja, não se dão a ver por intermédio do método histórico tradicional, mas da auscultação detida de suas manifestações no plano da cultura dos de cima. Isso poderia significar que Antonio Candido, *metodologicamente*, nota uma marca de descontinuidade no interior da proletarianização? Seria essa descontinuidade uma característica do próprio processo em curso no país, quando visto da perspectiva dos trabalhadores que se vão lentamente transformando em operários modernos? Ainda uma pergunta: seria essa descontinuidade uma das características do caráter periférico de nosso processo modernizador? A “dialética da ordem e da desordem” está inserida pelo autor dentro de uma tradição popular que não assume feição nacional embora se efetive em obras brasileiras, o que leva a supor uma forma de continuidade repetitiva, muito diferente do movimento dialético que o autor identifica no processo formativo. Seria isso uma conclusão do processo *quando visto de seu fim* ou um aspecto integrado ao seu desenvolvimento real? Trata-se de ilusão de ótica ou de revelação crítica?

As perguntas, por óbvio, estão além do escopo deste trabalho e, em alguma medida, são elucbrações que os textos de Candido não respondem, se é que autorizam sua elaboração. Sua formula-

ção, no entanto, que nos leva a tomar os textos não como fonte de comentário erudito, mas como plataforma de pensamento, atestam bem a fecundidade da obra crítica de Antonio Candido.

REFERÊNCIAS

- BASTIDE, Roger; Fernandes, Florestan. Do escravo ao cidadão. In: BASTIDE, Roger; Fernandes, Florestan. **Branços e negros em São Paulo**: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana. São Paulo: Global, 2008, p. 27-90.
- CANDIDO, Antonio. Literatura de dois gumes. In: CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Editora Ática, 1989, p. 163-180.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos (1750-1870). Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2013.
- CANDIDO, Antonio. De cortiço a cortiço. In: CANDIDO, Antonio. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Todavia, 2023a, p. 123-152.
- CANDIDO, Antonio. Nota prévia. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Todavia, 2023b, p. 9-10.
- CANDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira**. São Paulo: Todavia, 2023c.
- CANDIDO, Antonio. Dialética da Malandragem. In: CANDIDO, Antonio. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Todavia, 2023d, p. 19-53.
- COSTA, Emília Viotti da. **Da senzala à colônia**: São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- DANTAS, Vinicius. Apresentação. In: CANDIDO, Antonio. **Textos de intervenção**. Seleção, apresentação e notas de Vinicius Dantas. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 15-22.
- NETTO, José Paulo. **Pequena história da ditadura militar**. São Paulo: Cortez, 2014.
- RODRIGUES, Leôncio Martins. **Industrialização e atitudes operárias**: estudos de um grupo de trabalhadores. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009.
- SCHWARZ, Roberto. Pressupostos, salvo engado, de “Dialética da malandragem”. In: SCHWARZ, Roberto. **Que horas são?**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 129-156.
- SCHWARZ, Roberto. Adequação nacional e originalidade crítica. In: SCHWARZ, Roberto. **Sequências brasileiras**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 57-53.